

(*) Dália Maria B. Maia é graduada em História pela UECE, e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. É também pesquisadora do Laboratório de Antropologia da Imagem – LAI/UFC, e bolsista da CAPES. E-mail: daliamaia@yahoo.com.br Peregrina Fátima Capelo Cavalcante é doutora em Sociologia pela UFC, e professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. É ainda Coordenadora do Laboratório de Antropologia da Imagem – LAI/UFC. E-mail: peregrina@ufc.br

Dália Maria B. Maia Peregrina Fátima Capelo Cavalcante*

Sertão, espaço e tempo:

conflitos de famílias e vingança privada

RESUMO: Este artigo se propõe a fazer algumas reflexões sobre as “brigas de família” no Vale do Jaguaribe, no sertão cearense, procurando compreender como valores como *honra, coragem, valentia*, tidos como arcaicos, tradicionais, ainda se mostram atuais e atuantes nessa região. Nessa economia imaginária produzida por esses “conflitos de família”, percebemos como esses valores são constantemente alimentados numa trama de sentimentos múltiplos – ódio, medo, ressentimento, desejo de vingança –, que culmina com a prática de violência. A nossa proposta tem sido, portanto, compreender que elementos, que linhas tão segmentadas fazem com que essa prática, que está fortemente amalgamada nas subjetividades dos sertões brasileiros, perdure.

Palavras-chave:
Família; Lutas de famílias; Vingança; Honra; Sertão do Ceará.

Ouviram-se gritos, berros horrorosos de medo louco, frenético, de desespero terrível. E em torno à casa, toda terror e apavoramentos, cabelos soltos, a mulher rondava com os olhos esbugalhados e gritos soturnos, roucos, os filhos pequenos, chorando enrodilhados às saias... e, logo, as paredes ruíram, os restos de telhado abateram... Foi esta a vingança dos Pataca. (Gustavo Barroso, Heróis e bandidos. Os cangaceiros do Nordeste.)

Foi sob um sol abrasador de quase 40° (graus) que chegamos à residência de D. Rosa Macedo, uma casa de alvenaria, pintada à cal, rodeada por uma cerca de paus presos por arames, e com pequenos pés de florezinhas do sertão – ‘onze-horas’, ‘margaridas’, ‘violetas’ – plantadas para enfeitar a frente

da morada. D. Rosa¹ nos recebeu com um sorriso apressado, que logo desapareceu, dando lugar a uma expressão tensa e angustiada. Ela disse estar apavorada, temendo pela vida de seu filho, ainda um rapazinho, e de seu marido, que foram jurados de morte havia poucos dias².

A jura de morte se deu por ocasião de uma briga entre seu marido e dois membros da família Oliveira Macedo – parentes seus distantes. Havia uma intriga entre eles desde muitos anos, que agora se acirrava. Temerosa, D. Rosa foi conversar com a mãe do rapaz que ameaçou seu filho, pedir pela vida deste. A senhora com quem ela foi falar (D. Ana Macedo) tentou lhe tranquilizar, dizendo que nada de mal iria acontecer com seu filho, mas, nada poderia garantir com respeito a seu marido, pois, “*quando os Macedo entram numa briga, não entram para brincar, entram para matar. Era questão de honra!*”. Contudo, ainda alertou, que se seu filho (de D. Ana) aparecesse morto por seu marido, eles iam matar um por um, podia ser criança, mulher, podia ser menino, podia ser velho, podia ser o que fosse, não sobraria um para contar a história.

Foi com esta narrativa de uma morte que parece se fazer anunciar que começamos a nossa conversa, e foi com ela que iniciamos a longa travessia pelo campo das “lutas de famílias” no sertão cearense.

Quando, em 1999, uma de nós (Maia, 2003) iniciou uma pesquisa de campo em Ventura, no Vale do Jaguaribe, o objetivo era entender por que a região era considerada tão violenta. As freqüentes referências à violência local nos jornais do Estado, indicando-a como o berço da pistolagem no Ceará e rota de fuga preferencial para os bandidos da região – posto que localizada nas encostas da Chapada do Apodi, lugar de mata densa e de inúmeros caminhos e veredas, por onde se pode sumir facilmente –, não lhe permitiram antever o encontro que logo teria com as “brigas de famílias” e suas tramas.

Embora as lutas de famílias não fossem objeto da pesquisa de Dália Maia na época, esta percebeu que o estudo desse fenômeno era fundamental para a compreensão da realidade local. Assim, antes de iniciarmos o nosso trabalho de campo que deu margem à escrita deste artigo, foi necessário um denso processo de pesquisa bibliográfica sobre lutas de famílias. Esse processo nos levou a entender as características das guerras entre famílias no Brasil. Essas brigas são um tipo específico de conflito que, de uma maneira geral, pode ser compreendido como uma sucessão de atentados violentos que dois grupos familiares dirigem-se mutuamente, ao longo do tempo. Os atores sociais envolvidos nessas brigas são, de cada lado, parentes entre si em algum grau, que se reúnem para vingar o assassinato de um de seus

¹ Por questões de ordem metodológica foram usados nomes fictícios para os narradores e para os nomes das famílias em análise. Assim como fictício é também o nome do município citado. Questões de famílias é assunto sempre delicado e exigente de discrição, sobretudo quando o que é discutido diz respeito à crimes de morte e insegurança, e põem em risco a integridade tanto daqueles que me deram seus depoimentos quanto daqueles que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos nos conflitos.

² Entrevista realizada em 01.08.2005.

membros. Dessa forma, um conflito de família não é um assunto individualizado, mas coletivo. A estas características podem ligar-se outras noções, como a de honra, de solidariedade familiar, do julgamento de danos causados, da escolha da vítima, da forma e ocasião da vingança etc.

Nessa investigação bibliográfica, o Ceará surge como um Estado marcado por uma longa história de dominação de parentelas e de repetitivos conflitos familiares que, conduzidos geralmente por grandes latifundiários, acabaram por definir as fronteiras de seu território, como é o caso do sertão dos Inhamuns, palco da famosa guerra entre os Monte e os Feitosa³, que durou quase três séculos. Podemos citar ainda as lutas fratricidas ocorridas entre os Maciel e os Araújo, em Quixeramobim, os Cunha e os Sant'Ana (Pataca), no Boqueirão do Cunha, e a luta travada entre os Meneses e os Mourão, na Serra Grande.

Os conflitos de famílias são assunto antigo e universal, podendo ser encontrados em várias culturas pelo mundo. Estão presentes em textos bíblicos do *Antigo Testamento*, nas tragédias gregas, desde a *Ilíada* de Homero às famosas peças de Ésquilo; manifestam-se entre os ameríndios, nas sociedades africanas e mediterrâneas. Os conflitos entre famílias mediterrâneas têm sido, certamente, objeto especial de estudos de inúmeros autores, sobretudo, de antropólogos, que vêem o fenômeno como algo “cultural”, que abrangeria as áreas interiores e supostamente mais isoladas do território destas sociedades⁴.

No caso brasileiro, essas lutas têm sido associadas à cultura sertaneja, alinhando-se a toda uma corrente de pensamento que via o sertão, sobretudo, o sertão nordestino, como lugar distante, longínquo, território da barbárie, longe da civilização litorânea; terra “sem rei nem lei”, de cangaceiros valentes e fanáticos religiosos (Facó, 1980; Montenegro, 1973), espaço da alteridade, do *outro* sertanejo, que era visto como, antes de tudo, um *forte*, valente, “*com suas vestes características, os seus hábitos antigos, o seu estranho aferro às tradições mais remotas, o seu sentimento religioso levado até ao fanatismo, e o seu exagerado ponto de honra, e o seu folclore belíssimo de rimas de três séculos*” (Cunha, 2002: 104).

Sertão é uma palavra que encerra em si um enorme poder de evocação de sentimentos, imagens e sentidos que estão hoje profundamente arraigados no imaginário brasileiro. Todavia, como uma região não pode ser definida “naturalmente” (Bourdieu, 1989), posto que uma definição é sempre produto de uma construção social, a categoria *sertão* foi tomando corpo e significados ao longo da experiência histórica brasileira. Assim, além de dar consistência a um determinado espaço geográfico, em torno dessa categoria vai se alocando também um conteúdo cultural, e o sertão surge como um lugar de tradições e

³ Luta que foi objeto de estudo do sociólogo Costa Pinto (1980); e do historiador americano Chandler (1981).

⁴ Para um maior conhecimento dos conflitos familiares nas sociedades africanas, ver Evans-Pritchard (1978); entre os ameríndios, ver Lizot (1988); nas sociedades do Mediterrâneo, ver os estudos de Peristiany (1974); Bourdieu (2002); Black-Michaud (1975); e Pitt-Rivers (1974). Para o estudo das lutas de famílias no Brasil, ver os trabalhos de Costa Pinto (1980); Chandler (1981); e Marques (2002).

costumes antigos, resultado de um amálgama de experiências históricas variadas, vividas nesse espaço, que o qualifica e cuja força simbólica se faz sentir quando mencionamos a palavra *sertão*.

Contudo, é válido ressaltar que, se mencionamos aqui o trato das lutas de famílias como algo cultural, não é por um posicionamento acadêmico, e sim porque percebemos o quanto esse modo de pensar, de uma certa forma, se faz presente no senso comum, sendo por vezes compartilhado pelos atores sociais envolvidos nessas questões – o que podemos divisar em suas falas, quando se referem à própria família, à família inimiga, à região.

Voltar ao sertão, visitar lugares, percorrer estradas... “*Pela estrada passa gente, passa gado, passam os vivos, passam os mortos...*”⁵. Voltar à ribeira do rio das onças⁶, conversar com as pessoas, ouvir suas histórias, trilhar os caminhos de suas memórias, marcadas geralmente por sentimentos de medo, ressentimento, ódio, dor, honra, saudade. E por tudo isso, esta não é uma pesquisa fácil. Ao iniciarmos este trabalho, por vezes nos sentíamos como peregrinos caminhando no deserto. Como o deserto que, com sua vastidão de areias e sol escaldantes, exerce um fascínio e também medo sobre os peregrinos, o campo de pesquisa provocava em nós uma sensação, ao mesmo tempo, de encantamento e inquietação. Em algumas ocasiões nos sentíamos em meio a uma tempestade de areia, ao pensar nos riscos de “saber demais”, na “faca de dois gumes” que o “falar” significava para nossos informantes. Mas, sensíveis aos sinais que o campo nos dava, e inspiradas nas contribuições teórico-metodológicas de Clifford Geertz (1989) acerca da etnografia e do fazer antropológico⁷, seguíamos, seduzidas e temerosas, buscando a compreensão de um objeto difícil de se trabalhar: o mundo misturado, emaranhado, das lutas de famílias no Vale do Jaguaribe.

A família de D. Rosa Macedo é famosa na região jaguaribana pela briga com os Rezende. Os Macedo foram certamente uma das primeiras famílias a se fixarem em terras venturense, em princípios do século XVIII. Vindos da Paraíba, passando pelo Rio Grande do Norte, e de lá entrando no Ceará pela Chapada do Apodi, se instalaram numa localidade chamada Lagoa Bonita, lugar de terra fértil, que acumulava muita água no inverno, excelente para a agricultura de subsistência e para o criatório de gado de que viviam e que eram a base da economia da época.

Considerada hoje uma “família de tradição” na cidade de Ventura e na região jaguaribana, os Macedo se tornaram talvez a maior família do lugar depois das muitas uniões com outras famílias da região. Ao pesquisador social,

⁵ Pensava Gjorg Berisha, ao caminhar pelas estradas frias das geladas montanhas albanesas, depois de ter cumprido seu papel de vingador do sangue, ditado pelo antigo *Kanun*, código que regia as ancestrais lutas de famílias da região. In: Kadaré (2001: 27). Romance que serviu de inspiração para o diretor Walter Salles produzir o longa-metragem *Abril despedaçado* (Brasil, 2001).

⁶ Como era conhecida antigamente a ribeira do rio Jaguaribe.

⁷ Serviu também de inspiração o profícuo trabalho de Wacquant (2002).

contudo, ela oferece como mimo um interessante elemento para análise, uma vez que, no âmbito da antropologia local, isto é, a interpretação que o venturense faz do seu lugar e da sua gente, está a *fama* de ela ser uma “família perigosa”, sobretudo depois do conflito com a família Rezende.

Segundo o Sr. José (informante e membro da família Macedo – hoje desaparecido), os Macedo “*sempre foram metidos a valentes*”, resolvendo suas questões “*na bala ou na ponta de uma faca*”⁸, seja entre seus membros ou com pessoas externas ao grupo familiar.

Os Rezende, por sua vez, eram oriundos de uma pequena cidade do Rio Grande do Norte; supostamente ainda descendentes da família Macedo, chegaram a Ventura depois desta e habitavam na localidade denominada Aldeia Encantada. Não se sabe ao certo as causas primeiras da desavença entre as duas famílias. As opiniões são diversas, mas, segundo alguns relatos orais, a disputa pela posse da terra foi, talvez, a causa inicial deste conflito que se iniciou na segunda metade do século XX.

*A gente não sabe nem dizer porque era que tinha essas briga assim, por causa de terra. Mas cada qual tinha esse negócio de querer ficar com um pedaço de terra de um e de outro. O caso dessas brigas por causa de terra era assim: o cabra cerca aqui uma terra e vai aqui. Aí, uma estrada passa assim, desviando aquele seu cercado, uns 20 metros. Vamos dizer que é numa terra de outro, que pertence a outro. Aí depois você pega sua cerca aqui – que você é ambicioso – pega e vai colocar lá, no meio da estrada, pra ficar todo seu aquela lista, de lá a cá. Aí lá vai. O outro diz: “Essa terra era minha!” Começava por essas coisas. [...] Mas nesse tempo era por causa de ambição, que queria mais terra*⁹.

*(...) havia uma despeita, uma disputa de valentia entre as duas famílias. [...] Então era o seguinte: quando os Rezende tavam bebendo na bodega de seu Sales e do outro lado, num outro prédio, era o bar de Dondon onde os Macedo estavam. Aí, se eles tivessem bebendo lá, se os Macedo chegasse, aí era briga pelo território. Aí eles queriam ser valentes também... aí, sabe como é...*¹⁰.

A disputa por limites de terras é uma causa clássica de conflitos no sertão. Muitas lutas ocorreram na região jaguaribana por este motivo, desde a época de sua povoação, nas primeiras décadas do século XVIII. Cercar uma propriedade era

⁸ Sr. José, aos 50 anos, em 19.08.2000.

⁹ Sr. Ricardo, aos 69 anos, em 30.09.2002.

¹⁰ Sr. José, *Idem*.

sempre motivo para uma possível intriga entre famílias. No entanto, o Sr. José aponta outra causa para essas brigas, que era a valentia dos homens das duas famílias.

A valentia é um componente sempre presente nas falas de meus narradores. Em seus discursos, pode-se perceber a valentia como uma característica própria dos homens da região; característica essa que não é simplesmente “natural”, mas que foi socialmente construída, e parece estar pautada em algo mais forte que é o sentimento de honra dos homens e de suas famílias. Ao ser interpelado sobre a família Rezende, o Sr. Antônio¹¹ pergunta: “Ah! *Aqueles valentes?*”.

Durval Muniz de Albuquerque (1999), ao tratar da construção da identidade do homem nordestino a partir dos discursos presentes na Literatura de Cordel, nos fala de uma *subjetividade masculina* existente nesta área do país, que foi sendo construída e transmitida ao indivíduo, na infância, como modelo para a formação de seu caráter (arquétipos de homens, de *machos valentes, corajosos*). Esta subjetividade masculina, de que fala Muniz, nos remete a uma fala do Sr. José, quando ele diz da “filosofia” de alguns homens da família Macedo de Ventura:

A filosofia desse pessoal aí era o seguinte: quando o moleque tinha 12, 13 anos, o pai dizia assim: “Eu vou plantar uma corrente de algodão pra você.” O cara ficava trabalhando dentro de casa até 21 anos e tudo o que ele fazia, o pai era quem ditava. [...] Aí, o pai botava pra plantar, era rapazinho e tal, tava se influenciando pra ir pra festa e tal... “Vou plantar essa corrente de algodão pra você”. O rapaz trabalhando pro velho: brocava, plantava milho, tudinho pro pai. Mas aquela corrente de algodão era dele. “O que der é pra você comprar um revólver”. Eles armavam os filhos de pequenos, entendeu? E aí, por isso, a tendência pra violência. Porque os pais ensinavam os filhos e ajudavam a comprar armas, por isso ele já criava aquela idéia de arma. A cultura deles é essa¹².

Bourdieu (1990) nos auxilia a compreender a lógica das estruturas desse campo social. A família é um importante meio de transmissão e difusão de padrões culturais e de comportamento, de um *habitus*¹³ passado de geração para geração. Como uma estrutura estruturada e estruturante, ela é também um importante dispositivo para disciplinar as crianças que, expostas a modelos sociais de comportamento diariamente presenciados nas conversações dos pais, acabam por incorporar uniformidades culturais, mesmo quando não foram impostas como regras.

¹¹ Aos 87 anos, em 11.11.1999.

¹² Sr. José, *Idem*.

¹³ O *habitus* – conceito empregado primeiramente pelos gregos, mas que ganhou importância sociológica na teoria do processo civilizatório de Norbert Elias e na da ação social de Pierre Bourdieu – é identificado por este último como um conjunto de convenções, de valores socialmente construídos e compartilhados que formam e informam um sistema de disposições internalizadas e “naturalizadas”, embora históricas, do qual os grupos sociais são portadores, mas que vai sendo atualizado através de um determinado modo de vida.

O habitus faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias. [...] as condutas geradas pelo habitus não têm a bela regularidade das condutas deduzidas de um princípio legislativo: o habitus está intimamente ligado com o fluído e com o vago (Bourdieu, 1990: 98).

Na narrativa do Sr. José, vemos que esta subjetividade é construída também no cotidiano, no dia-a-dia da família Macedo. Podemos perceber que este era um dos rituais pelo qual o menino deixava de ser adolescente e passava a ser homem. O menino era ensinado pelo pai a “ser homem”, e isto implicava andar armado, ser corajoso, valente, não levar desaforo para casa, ter domínio sobre sua vida, seu corpo, sua mulher, seus filhos, enfim, ser um *homem de honra*. E a arma era o passaporte que lhe garantia essa passagem. Quando não podia comprar uma arma de fogo, produzia sua própria peixeira, ou ganhava ela do pai, em nome da honra, do respeito e da defesa, e, logicamente, da masculinidade. “*Homem sem arma é meio homem*”¹⁴.

Neste sentido, recordo Lewis Coser (s/d), que estuda conflitos sociais, cuja preocupação voltava-se para a análise das *funções* dos conflitos, ao falar do uso da violência como forma de se atingir um êxito pessoal, afirma que,

(...) os homens tendem a pensar que a valentia demonstrada na violência interpessoal ou nos encontros sexuais agressivos, será o único meio que lhes permitirá obter uma identidade pessoal e ganhar respeito, inacessível de uma outra maneira (Coser, s/d.: 78 – tradução livre).

A maioria dos homens das duas famílias tinha o costume de andar armados. Desde cedo os meninos aprendiam que ser homem implica um *dever-ser* (Bourdieu, 1995: 158); os valores sociais do mundo em que vivem vão sendo passados de geração para geração, de pai para filho, como um *habitus*, pois, conforme assinala Bourdieu,

(...) o mundo social constrói o corpo, ao mesmo tempo como realidade sexuada e como depositário de categorias de percepção e de apreciação sexuanes, que se aplicam ao próprio corpo na sua realidade biológica. O mundo social trata o corpo... inscreve nele... as categorias fundamentais de uma visão de mundo (ou se se prefere, de um sistema de valores, ou de um sistema de preferências). (Bourdieu, 1995: 144 – grifos nossos).

¹⁴ Sr. José, *Idem*.

E essa construção se dá de forma “natural”, porque o *habitus* tem, segundo o autor, o “dom” de “naturalizar” características e ações que são, antes de mais nada, constructos sociais. Neste sentido, pode-se inferir que essa relação de dominação entre pais e filhos é perpassada pela “... *violência simbólica, que é uma dimensão de toda dominação e que constitui o essencial da dominação masculina*” (Bourdieu, 1995: 143).

Riobaldo, personagem central de Guimarães Rosa em sua obra imortal *Grande Sertão: Veredas*, também fora educado nessa filosofia do sertão:

Meu padrinho Selorico Mendes era muito medroso. Contava que em tempos tinha sido valente, se gabava, goga. Queria que eu aprendesse a atirar bem, e manejar porrete e faca. Me deu logo um punhal, me deu uma garrucha e uma granadeira. Mais tarde, me deu até um facão enterçado, que tinha mandado forjar para próprio, quase do tamanho de espada e em formato de folha de gravatá (Rosa, 1986: 95).

Embora apresentem interpretações diversas para a causa do conflito, todos os narradores que falam sobre as brigas entre os Rezende e os Macedo referem-se à “brigada da Lagoa Suja” – contenda ocorrida por ocasião de uma vaquejada na localidade de Lagoa Suja, no dia 04 de outubro de 1965, onde morreram quatro pessoas de ambas os lados e outras foram feridas –, como tendo, com certeza, agravado o ódio entre as duas famílias.

Segundo as narrativas, essa vaquejada tinha sido organizada pelos Macedo. Os Rezende não haviam sido convidados, posto que já existia a rixa entre as duas famílias e, as duas facções eram “alertadas” para não andarem no território uma da outra. Contudo, Hélio Rezende, bêbado, resolveu ir para a vaquejada, acompanhado de seu irmão caçula, Zezinho Rezende, e de Manoel Reinol, conhecido pistoleiro amigo deles. Os Macedo ficaram extremamente ofendidos com a presença dos três intrusos. Antônio Macedo, que era tido como um homem traiçoeiro, chamou Hélio Rezende de “corno”. Hélio, profundamente ultrajado em sua honra, jurou que se ele repetisse a ofensa, morria. Antônio Macedo repetiu e Hélio Rezende matou-o com um tiro na boca. *Fechou-se o tempo*, no dizer da região. Iniciou-se o tiroteio. Os Macedo mataram o pistoleiro Manoel Reinol, Hélio Rezende e seu irmão Zezinho. Outras pessoas também saíram feridas. O ódio dos Rezende aumentou ainda mais depois dessa vaquejada, não tanto pela morte de Hélio e do pistoleiro Manoel Reinol, mas, principalmente, pelo assassinato do caçula Zezinho Rezende, que era ainda um adolescente.

Muitas mortes ocorreram depois dessa vaquejada, por vingança. Buscavam-se os alvos da *vendeta*¹⁵, onde quer que estivessem, quer fosse no interior do município ou de municípios vizinhos, quer fosse necessário buscá-los em outro Estado, a morte era certa. Pierre Ansart (2004), professor da Universidade de Paris, em seus estudos sobre memória e ressentimentos, citando Nietzsche e Scheler, nos diz que o desejo de vingança é fruto do “ódio recalçado”, ressentimento dinâmico, criador de valores, ou seja, de finalidades desejáveis pelos indivíduos, que fazem tudo para realizá-la. Nas palavras de Riobaldo: “*Vinha a boa vingança, alegrias dele, se calando. Vingar, digo ao senhor: é lambe; frio, o que outro cozinhou quente demais*” (Rosa, 1986: 78).

Para essas famílias, a vingança é uma questão de *honra*. Isso nos remete ao campo da honra e a seus múltiplos significados. A honra, como sentimento e como prática (Bourdieu, 2002), é multifacetada, e revela como os atores sociais orientam suas ações e reagem as dos outros, produzindo uma economia das trocas, cheia de pequenos e sutis detalhes. Nessa lógica,

a idéia de estratégia como orientação da prática, que não é nem consciente nem calculada, nem mecanicamente determinada, mas que é produto do senso de honra enquanto senso desse jogo particular que é o jogo da honra; a idéia de que existe uma lógica da prática, cuja especificidade reside sobretudo em sua estrutura temporal.

A honra, enquanto motivação de conduta, é algo puramente individual porque ela é, antes de tudo, um sentimento nascido no coração de cada indivíduo; mas a honra também é coletiva e pode se fixar num grupo social, como a família, a raça, a pátria. Inscrita na realidade social, a honra dita condutas a partir das trocas da violência. O sentimento de honra é coletivo porque é um sentimento vivido publicamente. A defesa do ponto de honra é a defesa de uma imagem de si perante os outros, e a esses “outros” estão incluídos não só os membros da comunidade, mas, sobretudo, os membros do grupo familiar. Porque, segundo Bourdieu (2002), um desafio ou ofensa à honra de um homem não atinge somente a ele, mas a toda a família, e exige vingança. Segundo o Sr. José¹⁶, não vingar uma ofensa é uma desonra, e esta era a filosofia dos Macedo – filosofia esta que ele atribui à “ignorância” dos membros da família.

Para Julian Pitt-Rivers (1992), a honra “*varia de acordo com o lugar de cada um na sociedade. A honra de um homem exige dele coragem*” e “*para cada um existe somente uma noção de honra, a sua*” (p. 18). Assim, se a sede da honra é o corpo físico, a única saída para a limpeza da honra é o derramamento de sangue. *Só o sangue vinga o sangue*, no dizer de Costa Pinto (1980).

¹⁵ Do italiano *vendetta* [originada do latim *vindicta*; var. *vindita*; *vengeance* (fr.); *vingança* (pt.)] – Ato ou efeito de vingar(-se); desforra; punição legal; castigo; espírito de vingança; *feud* de sangue; desforra do sangue.

¹⁶ Sr. José, *Idem*.

Neste ponto, retomamos a fala da D. Ana Macedo, no início deste texto, quando ela diz que “*quando os Macedo entram numa briga, não entram para brincar; entram para matar. Era questão de honra!*”, e se o filho dela fosse morto pelo marido de D. Rosa, “*era pra matar um por um. Podia ser criança, podia ser mulher, podia ser menino, podia ser velho, podia ser o que fosse*”¹⁷. Ou, como bem nos explicou o Sr. Chico Macedo:

– *Os Macedo tem esse negócio... vocês já sabe dessa?*

– **Pesquisadora:** *De que?*

– **Sr. Chico Macedo:** *Gostar de vingar no sangue. Os Macedo tem esse negócio: gosta de vingar no sangue. Não vê? O pai de Eduardo vingou. Vingou ali no irmão... do irmão que matou o irmão dele, ali na Ventura. Eduardo meu primo! Eles gostam disso, num sabe?*¹⁸.

No sertão jaguaribano, a honra ainda dá sentido à vida e à morte. A vingança privada ainda é uma prática na região, prática ditada pelo código de honra. E, mesmo quando não é posta em ação, é sentida, falada, desejada, ansiada, porque se harmoniza com a noção de *habitus* e faz parte de uma economia simbólica onde vários capitais (econômico, político, cultural etc.) se confundem, se embaralham, determinando os múltiplos aspectos da honra e as formas de condutas dos indivíduos.

Em Ventura, a briga entre as duas famílias só terminou quando eles fizeram um pacto de paz, firmado apenas na palavra, mas suficiente para pôr termo ao conflito, uma vez que na região a palavra dada tinha força de lei. Com o pacto, as duas famílias reconheceram que estavam perdendo e decidiram acabar com o derramamento de sangue de seus membros. Hoje, apenas os Macedo vivem em Ventura. Os Rezende, aos poucos, foram vendendo suas terras e propriedades, e acabaram por sair quase todos da cidade. Acredita-se que esta era uma das “cláusulas” do acordo de pacificação. Uma informante nos disse que, para ela, a briga acabou, mas, ninguém sabe os ressentimentos que alguns de seus parentes ainda guardam, e foi bom os Rezende terem saído de perto.

Segundo Costa Pinto (1980), as lutas de famílias costumam terminar de três maneiras: ou pelo extermínio de um dos grupos em luta, ou pela assinatura de um tratado de paz entre as facções beligerantes, ou, decorrido o tempo, quando ambas as partes se convencem da inutilidade da luta e decidem não mais prosseguir com as vinganças. No Brasil, poucos foram os casos de tratados

¹⁷ Conforme D. Rosa Macedo, em 01.08.2005.

¹⁸ Sr. Chico Macedo, em 23.10.2005.

de paz assinados, como na luta entre Pires e Camargos, no século XVII, na Capitania de São Vicente (atual Estado de São Paulo). Na década de 70 do século XX, podemos citar o conflito entre os Sampaio e os Alencares, em Exu, no Estado de Pernambuco, que durou anos e anos, cujo pacto de paz foi selado pelo cantor e compositor Luís Gonzaga.

Naquela tarde ensolarada e quente, ainda ouviríamos de D. Rosa Macedo a história de D. Idalina Oliveira Macedo, que vive sozinha em um sítio fora da cidade, e mesmo depois de já ter perdido dois filhos por conta de um conflito entre parentes, e de ser constantemente ameaçada por seus inimigos, insiste em permanecer no sítio onde mora, onde criou seus filhos, enfim, onde passou grande parte da sua vida, a ter de abandonar tudo e ir embora para sempre. Das muitas ameaças que D. Idalina Oliveira sofre, a que lhe corta mais o coração, segundo D. Rosa Macedo, é ver eles torturarem seus animais domésticos até a morte.

Era apavorante! Apavorante! Eles atrepavam os borreguinho dela, na cerca, com o pescocinho assim ó... Cerca, você sabe que é toda assim [fazendo um gesto com os dedos, indicando a proximidade dos paus que formam a cerca]. Eles pegavam o borreguinho, enfiavam a cabeça do borreguinho em cima da cerca [fazendo um gesto com os dedos indicador e médio, abertos em forma de V, e, com o dedo indicador da outra mão entre os dois primeiros dedos, indicando a cabeça do borrego entre os paus], pra ele berrar até morrer. Pra ela sair, e ela não saía pra fora. Eles espantam galinha, eles soltam os jumentos dela, eles soltam gado dela, pra ver se ela sai. Porque eles não querem mais cumprir cadeia. Eles querem matar e ficar de boa. Sempre eles fizeram isso! Sempre, sempre, sempre... Mas ninguém quer, ninguém tem coragem, nunca vai ter coragem pra dizer.. Ninguém tem coragem pra dizer isso.

Narrativa forte, intensa, a que D. Rosa Macedo nos trás. Ela explicita a força bruta e simbólica que rege esses crimes de sangue, que faz até os animais da casa sucumbirem diante do poder de uma vingança. Estas imagens mostram o violento “código de conduta do sertão” – do qual nos falava Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997), ao estudar as relações sociais entre homens livres na nossa antiga sociedade escravocrata, mas que se faz tão atual e atuante em pleno alvorecer do século XXI –, e à qual não podem escapar. Por que D. Idalina permanece? O que lhe ata àquele lugar? Para D. Rosa Macedo, “o orgulho”.

Sentimento de honra? É difícil distinguir os matizes que a noção de honra possui na realidade social que tentamos penetrar. Percebemos ali que a honra não é apenas passível de múltiplos significados; ela própria é múltipla, por força dos elementos e situações que envolve (Deleuze e Guattari, 1995).

O que por ora observamos é a força dessa “economia imaginária”, “simbólica”, tecida ao longo dos séculos pelas querelas entre famílias brasileiras. Uma economia não-econômica, que possui uma lógica própria, dotada de uma racionalidade específica que a traduz, movida por capitais culturais distintos do jogo do capital econômico (Bourdieu, 1982). A briga que no passado os Macedo travaram contra os Rezende, e a briga que hoje os Macedo travam com um outro ramo de sua própria família, fazem parte dessa teia que é alimentada pelo velho sentimento de ódio famélico, ressentido, vingativo.

Isto me traz à memória as palavras de Riobaldo:

Diadorim dizia. — “Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados...” E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava. De tão grande, o dele não podia mais ter aumento: parava sendo um ódio sossegado. Ódio com paciência; o senhor sabe? [...] Enquanto os dois monstros vivessem, simples Diadorim tanto não vivia. Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava. [...] Matar, matar, sangue manda sangue (Rosa, 1986: 21).

Nesse pequeno trecho, Riobaldo fala do desejo de vingança que regia a vida de seu amigo Diadorim e de seu bando de jagunços, empenhados em vingar a morte de seu pai e chefe, Joca Ramiro. Ficção? Sim, mas uma ficção que comunica características fundamentais que perpassam esse campo de pesquisa, e que nós vamos coletando, decifrando, juntando os pedacinhos, arquivando; sempre nos indagando pela multiplicidade de linhas que percorrem esse campo de “estruturas tão pesadas” (Deleuze e Guattari, 1995), na tentativa de “sondar o caráter social e histórico desse desejo, desse delírio pulsante em cada gota de sangue, em cada postura em prol dos maus encontros”, como bem nos sugeriu Luiz B. L. Orlandi¹⁹.

¹⁹ Professor de Filosofia no IFCH-UNICAMP, e integrante do Núcleo de Pesquisa e Estudos da Subjetividade da PUC-SP.

Enfim, como nos ensina Michel de Certeau (1999), toda pesquisa é uma espécie de *bricolagem*. O pesquisador é uma espécie de artesão que se debruça sobre o material estudado, dia após dia, preparando cuidadosamente

a montagem. É um trabalho minucioso, são muitos elementos a serem aproveitados, outros tantos a serem desprezados. Pensamos como ele, e é tentando resgatar os detalhes significantes dessas narrativas que podem nos auxiliar nesta difícil tarefa, que seguimos então com a nossa *bricolagem*, mergulhando nesse mundo misturado das lutas de famílias do sertão; mundo de desejos, *habitus*, tempos e intensidades múltiplas.

ABSTRACT: This article purposes to make some reflections about the “family struggles” in the Vale do Jaguaribe, in the sertão do Ceará, searching to understand how values such as *honour, courage, valiancy*, looked upon as archaic, traditional, still show themselves current and operating in this region. In that *imaginary economy* produced by these “family conflicts”, we perceive how these values are constantly fed in a plot of multiple feelings – hate, fear resentment, desire for vengeance –, that results with the practical of violence. Our proposal has been, therefore, to understand wich elements, wich lines so segmented make that this practical, that is strongly amalgamated in the subjectivities of the brasilian sertões, keep on and on.

Key-words:
Family; Family
struggles;
Vengeance; Honour;
Sertão do Ceará.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. ““Quem é frouxo não se mete”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino”. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 19, Novembro/1999, pp. 173-188.

ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”, In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004. pp.15-36.

BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos (os cangaceiros do Nordeste)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

BLACK-MICHAUD, Jacob. *Cohesive force: feud in the Mediterranean and the Middle East*. New York: St. Martin's, 1975.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *A dominação masculina*. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, 20(2), Jul./Dez., 1995, pp. 133-184.

_____. “O sentido da honra”. In: *Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia cabila*. Oeiras-Portugal: Celta Editora, 2002. pp. 05-35.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns*. Fortaleza: EUFC/ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

COSER, Lewis. *Nuevos aportes a la teoria del conflicto social*. Buenos Aires: Amorrortu editores, s/d.

COSTA PINTO, Luís de Aguiar. *Lutas de famílias no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1980.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Col. TRANS).

_____. *Mil platôs*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Col. TRANS).

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Unesp, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

KADARÉ, Ismail. *Abril despedaçado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIZOT, J. *O círculo dos fogos. Feitos e ditos dos índios Yanomami*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MAIA, Dália M. B. *De Tabuleiro do Norte à “Tabuleiro da Morte”: a trajetória da violência numa cidade do Vale do Jaguaribe*. Monografia de Graduação. Limoeiro do Norte-Ce.: FAFIDAM/ UECE, 2003. (em mimeo).

MARQUES, Ana Cláudia D. R. *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ: NuAP, 2002.

PERISTIANY, J. G. *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1974.

PITT-RIVERS, Julian. “Honra e posição social”. In: J. G. Peristiany (org.) *Honra e vergonha. valores das sociedades mediterrânicas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1974. pp. 11-59.

_____. “A doença da honra”. In: GAUTHERON, Marie (Org.) *A honra: imagem de si ou dom de si, um ideal equívoco*. Porto Alegre: L&PM, 1992. pp. 17-32.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.